

A revolta dos bóias-frias

A situação em Guariba voltou a ficar explosiva na noite de ontem e nesta madrugada: os bóias-frias voltaram a bloquear os dois acessos da cidade, começaram a depredar carros e a incendiar os canaviais da região. A PM, com 200 soldados, tem medo de tentar dispersar os bóias-frias, calculados em três mil homens. Leia, também, editorial e a página 9.

Quando tudo parecia calmo, a tensão voltou a aumentar subitamente em Guariba, ontem. As duas entradas da cidade foram bloqueadas por bóias-frias revoltados que, no meio da tarde, chegaram a ser dispersados pela Polícia de Choque. Mas eles não desistiram e continuavam, até na madrugada, a bloquear as estradas para parar os caminhões com colegas que voltavam de canaviais próximos. Queriam a adesão ao movimento. Com o aumento a tensão, os bóias-frias também passaram depredar os carros que paravam nos bloqueios e, segundo as últimas informações, atavam incendiando os canaviais da região.

Ainda à noite, quase explodiu um conflito no bairro Princesa Isabel, onde mora um grande número de bóias-frias. Alguns policiais estavam fazendo patrulha junto à estrada que passa pelo bairro, quando começaram a ser atacados com estilingues e pedradas. Os PMs revidaram, atirando bombas de gás em direção às casas do bairro, o que provocou pânico entre os moradores, principalmente mulheres e crianças.

Diante das bombas, os homens começaram a sair de suas casas e, com seus facões de cortar cana, partiram para cima dos policiais. Ouviam-se alguns bóias-frias gritar: "Matar ou morrer, pobre não tem nada a perder". Os policiais recuaram e a situação só foi amenizada com a intervenção de diretores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, que conversaram com os moradores e conseguiram evitar um choque maior.

A Polícia Militar, informou-se em Ribeirão Preto, teme um confronto de graves proporções caso tente dispersar os bóias-frias que estão em volta da cidade e por isso optou, no dia de ontem, por fechar um trecho da estrada mais próximo de Guariba. Com isto, a PM pretende fazer um controle sobre quem entra e quem sai da cidade. Mas, diante dos bloqueios, Guariba está virtualmente isolada. A PM conta com 290 homens em Guariba e calcula-se em 3 mil o número de bóias-frias nos bloqueios.

O fogo nos canaviais não é algo que preocupa, segundo se informa na região, já que esta é uma prática comum antes do corte da cana. O problema é que a cana, depois de queimada, precisa ser cortada num prazo de mais ou menos 48 horas — o que, naturalmente, não deverá acontecer, em função da greve dos bóias-frias.

Ataque esperado

Muitos, em Guariba, sabiam que ia acontecer. O ataque à sede da Sabesp chegou e ser cogitado para o Sábado de Aleluia, depois, foi adindo Na cidade, conta-se que o vice-prefeito João Evangelista comentou sobre esse ataque na véspera, segunda-feira, numa conversa de bar. E finalmente ontem, bóias-frias reunidos numa assembleia, no estádio municipal, podiam detalhar como todos receberam ordens de "descer para a cidade e atacar a Sabesp", depois que seus ônibus foram barrados por piquetes, a caminho do trabalho no canavial.

O dono do supermercado saqueado diz que soube alta madrugada. Os garotos que entregavam pão (conta) foram advertidos por fregueses: os bóias-frias vão atacar o comércio e a Sabesp. Esse homem, Cláudio Amorim, diz que avisou donos de postos de gasolina e casas

comerciais, foi à casa do gerente regional da Sabesp e mandou que se escondesse. Avisou a polícia, mas os reforços vindos de cidades maiores, da região, chegaram tarde para impedir o saque avassalador. E a morte de um homem doente e aposentado, Amaral Vaz Meloni, que observava os fatos.

Assim, anteontem, aconteceu. A pequena Guariba, 20 mil habitantes, 360 quilômetros longe de São Paulo, viveu um dia de largo Treze, como se estivesse em Santo Amaro. Nunca tinha visto, até então, um tumulto de rua. Policiais e bóias-frias brigando, a sede da Sabesp destruída, queimada. O supermercado saqueado: levaram 50 colchões, 30 fogões, 80 liquidificadores, todos os televisores, três toneladas de alimentos, entre muitas outras coisas. Quebraram outras tantas. Um prejuízo de mais de Cr\$ 200 milhões, segundo cálculos e informações do proprietário.

Dois caminhões, duas camionetas depredadas. O guaribense morto, mais 30 pessoas feridas, cinco a bala, três das quais policiais militares. A tropa de choque nas ruas. A praça da matriz, junto à qual está o supermercado, ainda suja de sangue. Guariba nunca tinha visto isso.

Os bóias-frias cortadores de cana têm 19 reivindicações trabalhistas. E queixas contra as contas da Sabesp, tão altas que nem o gerente regional da empresa, Carlos Alberto Rocha, pode dizer que não sejam. E os preços, no supermercado: nos primeiros dias deste mês começou o corte da cana. E esse mesmo dia os preços subiram muito em todos os supermercados, contam os bóias-frias. Aluguel, luz. Sobra quase nada para comer.

As cenas da Capital, chegando ao Interior, não se limitam entretanto a Guariba. Em Bebedouro, cidade próxima, na mesma região de Ribeirão Preto reforços da Polícia Militar reprimiram piquetes, anteontem e ontem. E o plano dos bóias-frias de Guariba é parar o corte de cana em todas as cidades próximas. Dessas cidades, chega boa parte da cana processada na Usina São Martinho, que não é só a maior da região, como de todo o País. Ontem mesmo, um grupo de bóias-frias conseguiu um ônibus emprestado para exportar seu piquete. Mas polícia interveio.

Essa violência toda, dizem as autoridades, repetem o gerente regional da Sabesp e o dono do supermercado, é obra de agitadores. Os guaribenses são pacatos, ponderam. Mas nem mesmo o coronel Lincoln Porfírio da Silva, comandante da área "Interior Três", que abrange 80 cidades, e se deslocou para Guariba e Bebedouro, tem uma definição mais clara. Ontem, dizia:

— Só não sabe o que está acontecendo quem não quer.

— Tudo indica que há infiltração. Está havendo influência de terceiros para tumultuar a boa paz local. Os fatos em Bebedouro, as ameaças a Pradópolis (dos bóias-frias de Guariba que querem impedir os colegas de trabalhar)... é muita coincidência, não?

O coronel pode dizer quem são esses "terceiros"?

— Aqueles que vão juntando palha, põem fogo e depois somem. E deixam o pobre trabalhador iludido até em confronto com a polícia...

O que houve

Nos conflitos de anteontem, os bóias-frias mataram um cão pastor alemão da Polícia Militar a golpes de facão. O mesmo facão que usam para cortar cana, armou-os nas investidas contra a Sabesp e o supermercado. Mas, como, afinal, os fatos se passaram?

Os bóias-frias que estavam na assembléia de ontem cedo, no estádio municipal, ouviram suas lideranças contarem que apenas um dos 19 itens de suas reivindicações fora atendido, numa reunião na noite anterior, em Jaboticabal, com o secretário Almir Pazzianotto, do Trabalho.

Esse é o principal item, o que diminui o número de "ruas" de cana a ser cortada, de sete para cinco (como se verá adiante).

Mas os bóias-frias resolveram manter sua greve. E enquanto a assembléia ia, alguns deles resolveram contar como as coisas aconteceram anteontem. E logo um numeroso grupo rodeou os repórteres, e foi acrescentando detalhes. O que disse Expedita Rosa, que corta cana para ajudar o salário do marido, motorista de caminhão numa usina; e Lurdes Marques, na mesma situação; e o rapaz José Benedito e, por fim o que acrescentaram todos os outros, pode ser resumido assim:

Representantes de 23 turmas de bóias-frias da usina São Martinho estiveram numa assembléia da classe, no fim de semana passada, em Bebedouro. A maior parte dos cortadores de cana da região trabalha para essa usina. Esses 23 representantes lideraram um movimento segunda-feira, na usina. Os cortadores dessas turmas foram para o carnaval, mas não trabalharam. Estavam pensando em "tentar um acordo com os chefes", o que não aconteceu.

Anteontem, terça, essas turmas não foram trabalhar. Mas se organizaram em piquetes e pararam os caminhões com bóias-frias, mas eles deixavam seus pontos. Atacaram-nos com seus facões: "A gente quebrava com o facão árvore pra fazer barreira, o vidro do caminhão, quebrava tudo". Os bóias-frias então desembarcaram e recebiam a instrução de caminhar para a cidade e queimar a Sabesp. "Foram dois do nosso bando que deram essa idéia. Um é cortador de cana, outro não é. A gente fazia o pessoal descer do caminhão e já tocava para a Sabesp."

E, então, "viemos em bando, correndo um atrás do outro, riscando o facão na rua ("saía até foguinho") e gritando". Porque "guerra é guerra, não é?". (O dono do supermercado contava ontem, horrorizado: "Eles estavam loucos. Gritavam como índios. A polícia soltava bombas, eles recuavam, mas logo atacavam de novo. Pegaram um bujão de gás, puseram fogo e ficaram esperando explodir".

Mas na Sabesp: "Quebramos tudo, cadeira, máquinas de escrever, computador, bicicleta, escrivaninha. Até um bolo de notas, devia ter uns 200 mil, e as contas de água. Não tinha guarda. Nós entramos de facão, picamos tudo: janela, vidro, telhado."

Calculam eles próprios que estavam "em umas três ou quatro mil pessoas". Começaram com o fogo, "mas não pegou bem, tivemos de tirar as coisas pra fora". Por fim, com fósforo e papel, conseguiram o incêndio.

Então foram para o "abastecimento de água", outras instalações da Sabesp, onde estão almoxarifado (ao lado da prefeitura, também danificado) e um grande reservatório subterrâneo. "Queimamos tudo o que deu, até um caminhão e uma caminhoneta."

Tocaram então para o supermercado, que, sustentam alguns, calam-se outros, em princípio não estava em seus planos (O dono, Cláudio Amorim, conta que "meia dúzia de homens" da Polícia Militar de Araraquara tinham chegado, como reforço. Mas eram poucos, mesmo contando com o pequeno efetivo fixo da cidade, e quase não tinham bombas. Quando o grosso da tropa chegou, pelas 11 horas, o saque estava consumado, restando poucos invasores no supermercado.) Mas os bóias-frias seguiram para o supermercado de Amorim por considera-lo "o mais careiro e o que mais nos maltrata".

A polícia "fez alguns disparos, o povo recuou. Mas depois veio voltando. O sargento Brás Antônio de Deus veio conversar, pedindo para não haver saque. Mas o policial Lima abriu fogo e matou o seu Amaral, o aposentado. Ali a gente se revoltou de vez".

— Nós achamos: já que estão matando a gente, vamos matar também. E todo mundo avançou, ninguém ligou para morrer ou levar tiro.

O moço Alexandrinho, "que estava na frente e dava força", levou três tiros. Um tenente vindo de Araraquara e mais dois outros policiais militares também foram feridos a bala. Os bóias-frias dizem que nenhum dos seus estava armado, e acusam dono do supermercado de ter sido o primeiro a atirar. Também dizem que "o Chacrinha, o motorista de praça, e o Zé Gouveia, tapeçaria" atiraram. Amorim, do supermercado, nega até mesmo que tenha arma. E afirma que os bóias-frias tinham revólveres, "poucos, mas tinham".

O delegado de Guariba, Luiz Carlos Santello, soube ontem o resultado da autópsia do corpo do aposentado: a bala que o acertou no rosto transfixou e se perdeu, e era de arma de pequeno calibre, como um revólver 22.

Contas altas

A conta de água que a Sabesp apresenta aos guaribenses é realmente muito alta. A prova disso pode ser achada nas mãos, por exemplo, de Pedro Pereira dos Santos, servente desempregado, que atualmente corta cana. Morra com a mulher e dois filhos, diz que sua casa tem uma única torneira e nenhum vazamento. A conta mostra um débito de 24.102 cruzeiros, pela água consumida; e outros Cr\$ 24.102,00 como "taxa de esgoto". Essa taxa pesa 100% sobre a conta. Perfaz um total de Cr\$ 48.204,00. Pedro tira perto de Cr\$ 100.000,00, com muito esforço. Paga Cr\$ 40.000,00 de aluguel. Diz que não está conseguindo viver. Muitos bóias-frias falam em conta de água do Cr\$ 40.000,00 ou muito mais.

É o caso do encanador e bóia-fria, Mateus Marcos dos Santos. Mês passado, recebeu uma conta de Cr\$ 75.000,00, perdeu um dia inteiro na Sabesp para provar que entende do assunto e não achou vazamento. Com isso, recebeu um desconto de Cr\$ 25.000,00. Pediu um empréstimo pagou a conta de Cr\$ 50.000,00, está sem dinheiro.

"Começou da eleição para cá", dizem os bóias-frias, e nos últimos meses os preços dispararam de vez. Contam que o atual gerente regional da Sabesp elegeu-se vereador por Guariba, com a promessa de que o serviço de água sairia das mãos da Sabesp. Eleito, foi nomeado presidente regional.

Os bóias-frias se queixam dos supermercados: fazem conta para pagar a cada semana ou quinzena, já que recebem quinzenalmente. Mas se atrasam no Supermercado de Cláudio Amorim, o saqueado, têm que pagar multa de dez por cento ao dia.

Bebedouro

Em Bebedouro onde os bóias-frias trabalham na apanha da laranja, a Polícia Militar conseguiu impedir, sem grande trabalho, os piquetes que se formavam no comecinho da manhã. Aqui, o problema é que as empreiteiras, que contratam esses trabalhadores, querem aumentar, dos 60 cruzeiros do ano passado, para cem, o preço da caixa colhida. E os bóias-frias querem 200, para compensar os níveis de inflação. Cedo ainda, os policiais correram para o lugar chamado Taquaral, mas àquela hora só encontraram bóias-frias dispostos a "agir com calma" e tentar convencer uma ou outra leva de trabalhadores que se dispusesse a desrespeitar a paralisação anunciada como maciça.

À tarde, entretanto, a Polícia Militar, engrossada por 150 homens desde a madrugada, vindos da região, entrou em choque com os bóias-frias. Dissolveu a golpes de cassetetes alguns piquetes, sem que isso resultasse em conseqüências mais graves. Bebedouro, no ano de seu centenário, comemorado no último dia 3, também nunca viu nada assim.